

A Geografia Cultural na UERJ

Entrevista com a Professora Zeny Rosendahl



99

A professora Zeny Rosendahl realizou sua graduação na UERJ, onde deu continuidade a sua carreira docente, a partir da década de 1980.

Atualmente, coordena o Núcleo de Pesquisa em Cultura – NEPEC, que procura resgatar a tradição geográfica, que privilegia a cultura

com objetivo de colocar em evidência as relações entre espaços e cultura. Além disso, edita a *Revista Espaço e Cultura* e coordena a coleção *Geografia Cultural*.

Através de suas atividades tem colocado em evidência a dimensão cultural dos estudos geográficos.

Geo UERJ – Como é de praxe em nossa revista, iniciamos a entrevista com aspectos pessoais. Relate-nos a sua trajetória de vida, lugar de nascimento, origem familiar etc...

Zeny Rosendahl: Sou carioca, nasci em 20 de setembro de 1945, no início da primavera e no final da 2ª Grande Guerra. Meus pais moravam na rua Praia de Botafogo, no bairro de Botafogo. Sou filha de imigrantes – meu pai era dinamarquês e minha mãe de Portugal. Represento a única brasileira de ambas as famílias. Assim vivi sob influência de duas culturas européias.

Minha infância ocorreu no bairro do Rio Comprido, na rua Itapiru. Estudei no Colégio Santa Dorotéia até o final do 1º grau. O bairro do Rio Comprido na década de 1950-1960 era um bairro de classe média, pouco verticalizado e servido por várias linhas de bonde. Tinha o bonde Estrela, bonde Itapiru e o bonde Bispo. A construção dos túneis Rebouças, na Av. Paulo de Frontin, e o Santa Bárbara no Catumbi afetaram profundamente a paisagem do bairro, tornando-o um bairro de passagem.

Realizei meus estudos de 2º grau na Escola Normal Instituto de Educação na rua Mariz e Barros no Maracanã. O término do curso de normalista aconteceu em 1965 – Ano do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro. Exerci o magistério de 1ª a 4ª séries e depois de 5ª a 8ª séries até 1980 em escolas públicas municipais em diferentes bairros. Trabalhei em lugares como Ricardo de Albuquerque e Marechal Hermes localizados ao longo da Estrada de Ferro Central do Brasil. Viajei muito de trem para dar aula, nesta década (1960-1970), os trens já apresentavam os pontos negativos de atrasos, superlotação de passageiros, vagões sujos e quebrados, bem como o comércio ambulante e variado dentro do trem durante o trajeto.

Este início da profissão foi marcado pelo confronto das desigualdades. Em 1966, iniciei o curso de Especialização em Educação Especial. Dediquei-me durante três anos na Função Didática Especializada como professora de classe especial no ensino de Alunos Especiais, conhecidos pela sigla AE. Tratava-se de crianças que apresentavam distúrbios de aprendizagem. Participei da elaboração, aplicação e revisão do Teste Mosaico de Gille. Este período representou o reinado do método francês no ensino e na classificação desse tipo de aluno na Escola Pública do Rio de Janeiro. Gostaria de agradecer a influência da Professora Lia Martins Braga, diretora da Escola Alípio Miranda Ribeiro, nestes anos de 1965 a 1968, localizada em Honório Gurgel pelo incentivo e possibilidade de contestar pedagogicamente o Sistema Educacional Brasileiro na área de ensino especial. A luta deu frutos! E bons frutos!

Ainda na função de professora do Município, exerci, de 1980 a 1993, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, a função de Assessor Técnico Parlamentar. Conheci a vida política bem de perto. Trabalhei em diferentes setores da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, destaco que no período em que estive dedicada em Projetos de Lei vinculados a Comissão de Educação e Cultura foi possível vivenciar o desejo das comunidades cariocas e presenciar a concretude de seus sonhos. Esta experiência é gratificante, dentre outras, da função de assessor técnico parlamentar numa casa de legisladores.

Geo UERJ – Como ocorreu o interesse pela Geografia? Como se encaminhou para este campo de estudos?

Zeny Rosendahl: Iniciei a graduação em 1967 na UEG – Universidade do Estado da Guanabara – hoje UERJ. Trabalhava como professora

durante o dia e era aluna à noite. O curso de Geografia funcionava na Rua Haddock Lobo (Tijuca) e na rua Fonseca Telles no bairro de São Cristóvão. Não existia o Campus Maracanã de hoje, fui atraída pela Geografia ainda no ginásio quando, então, dedicava horas desenhando e elaborando mapas. Preocupava-me com os detalhes que deveriam ser apresentados nas cartas. O gosto pela Geografia foi num crescente! Na graduação o livro *Tipos e Aspectos do Brasil*, editado pelo IBGE, representou uma influência clara. As gravuras desenvolvidas, em bico de pena, por Percy Lau estimulavam-me. Hoje reconheço que a heterogeneidade cultural brasileira já era explorada pelo IBGE nas décadas de 1940-1960.

Geo UERJ – Quais foram as influências que marcaram a sua trajetória na Geografia? (graduação e pós-graduação)

Zeny Rosendahl – Em 1970, conclui a graduação em Geografia na UERJ. No curso, tive uma forte influência do professor Maurício de Silva Santos, hoje aposentado, que me presenteou com o livro *Géographie Humaine* de Maxmilien Sorre. Neste livro, Sorre já apontava uma perspectiva diferenciada entre geografia da religião e geografia religiosa.

Presenciei práticas religiosas distintas daquelas de minha formação, quando, entre 1971 e 1976, casada, fui residir em Morro dos Macacos, no Município de São Francisco do Conde, no Recôncavo Baiano. Participei de festas religiosas e profanas, todas marcadas por fortes elementos da cultura africana. Às segundas-feiras, ia a uma feira nordestina provisionar-me e, assim, pude conhecer hábitos e costumes que me alertaram para a heterogeneidade cultural do país. Tudo era fantástico para uma carioca urbana. É neste contexto que pude acompanhar e participar do processo de alfabetização pelo Método Paulo Freire na escola de Mataripe em Candeias. Trata-se de uma influência que a vida me ofereceu.

Em 1977, já residindo na cidade do Rio de Ja-

neiro, encontro o Sistema Educacional reformulado pela Lei 5.692. Reingresso na UERJ para cursar a especialização e o mestrado em Estudos Brasileiros. Optei pela área de Demografia e Política Populacional. Em 1987, matriculei-me como aluna no Doutorado de Educação da UFRJ. Ali participei dos estudos no Núcleo do Imaginário na Educação coordenado pela professora Terezinha Granado. As leituras e os debates interdisciplinares foram enriquecedores e permitiram meu retorno à Geografia. A relação ontológica espaço, homem e religião estava sendo construída. Em 1989, ingressei no Doutorado em Geografia Humana na Universidade de São Paulo, tendo concluído o curso em 1994. A minha tese versava sobre a geografia da religião, na qual estudei um pequeno centro de peregrinação localizado em Porto das Caixas, 2º distrito de Itaboraí (RJ).

Tive a orientação dos geógrafos: Maria Cecília França, Dieter Heideman e Roberto Lobato Corrêa.

Geo UERJ - Como ocorreu a sua entrada para o Departamento de Geografia da UERJ? Fale-nos de sua trajetória no mesmo.

Zeny Rosendahl: Em 1980, por concurso, ingressei como professora na UERJ, na área dedicada ao Estudo dos Problemas Brasileiros no Centro de Ciências Sociais. Trabalhei de 1984 a 1987 no Laboratório de Estudos Afro-brasileiros. Era um núcleo interdisciplinar com professores de Sociologia, Antropologia, História e Geografia. No ano de 1988, fui transferida para o Departamento de Geografia e desde então estou a ele vinculada. Minha trajetória no Departamento de Geografia está fortemente marcada pela criação, em 1993, do NEPEC, Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre *Espaço e Cultura*.

Geo UERJ - Você fundou e coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o *Espaço e Cultura* – NEPEC – e edita a revista *Espaço e Cultura*

além de coordenar a *Coleção Geografia Cultural*. Fale-nos dos objetivos e das concretizações desse núcleo na difusão da Geografia Cultural no Brasil.

Zeny Rosendahl: Cabe pronunciar algumas palavras sobre a gênese desta iniciativa. O NEPEC, não nasceu “de repente”. A idéia de construir um núcleo em Geografia Cultural é bem anterior a 1993, porém somente neste ano a idéia adquiriu concretude e espaço físico na UERJ. Eu não estou sozinha neste empreendimento; desde o início o Prof. Roberto Lobato Corrêa (UFRJ) vem trabalhando no NEPEC. Roberto Lobato e eu compartilhamos as realizações e as tarefas pesadas que um laboratório dessa magnitude possui. Neste contexto, temos o interesse comum de resgatar uma tradição geográfica que privilegia a cultura, entendida em sua acepção mais ampla; e desenvolver estudos e pesquisas que coloquem em evidência as relações entre espaços e cultura, isto é, desenvolver atividades objetivando mostrar a dimensão espacial da cultura. O NEPEC possui um caráter interdisciplinar que visa a uma maior integração das atividades científicas, em nível nacional e internacional. Os projetos especiais, atualmente, em pleno andamento são os responsáveis, pela concretização dos nossos objetivos propostos na implantação do núcleo. A realização do 2º Simpósio Nacional sobre *Espaço e Cultura* que ocorreu em outubro de 2000, e o lançamento do número 6 da *Coleção Geografia Cultural* são exemplos.

Geo UERJ – Na sua avaliação, como se encontram os estudos da *Geografia Cultural* no Brasil?

Zeny Rosendahl: A revista *Espaço e Cultura*, criada em 1995, apareceu dois anos após a criação do periódico *Ecumene* em língua inglesa e um ano após o aparecimento do periódico francês *Géographie et Cultures*. No Brasil, a geografia cultural não tem a tradição e a força de suas irmãs anglo-saxônica e francesa. Na verdade, muitos dos trabalhos anteriores dos geógrafos

brasileiros continham elementos culturais, embora não pudessem ser considerados como sendo *Geografia Cultural*. O NEPEC vem realizando um enorme esforço visando a difusão sistemática e consistente da cultura em sua dimensão espacial. Assim, no que diz respeito à geografia da religião, somente na UERJ houve, nos últimos cinco anos, cerca de 15 monografias de graduação e 1 na pós-graduação sobre essa temática. A revista *Espaço e Cultura* já está em seu oitavo número publicado, enquanto a *Coleção de livros Geografia Cultural* publicou seis livros, e prepara o sétimo demonstrando uma continuidade promissora. Dois simpósios nacionais já foram realizados, nos quais constata-se a vigorosa produção da geografia cultural brasileira e o papel pioneiro do Departamento de Geografia da UERJ neste campo da Geografia.

Geo UERJ – Como se deu o seu interesse pela abordagem cultural e mais especificamente pela Geografia da Religião?

Zeny Rosendahl: Em minha formação, constatei as fortes diferenças entre práticas e ritos protestantes, da parte de meu pai (católico praticante) e popular do lado materno. Estas diferenças me atraíram e motivaram-me a alegria das festas e peregrinações católicas. Estudei em colégio de freiras e participei de movimento estudantil católico na década de 1960, no Rio de Janeiro. Ao descobrir que a geografia não era estranha à religião, decidi-me por essa estrada.

Geo UERJ – Em seu pós-doutorado, você passou uma temporada na França. Como ficou marcado esse momento em sua vida profissional?

Zeny Rosendahl: O pós-doutorado foi realizado em Paris IV, Sorbonne, sob a orientação do professor Paul Claval. Estendeu-se de Setembro de 1997 a Fevereiro de 1998. Os estudos teóricos foram realizados no laboratório Espace et Culture. Tive a oportunidade de avançar na te-

mática da Geografia da Religião e realizei inúmeros trabalhos de campo, enfatizando o estudo comparativo de quatro centros de peregrinação franceses. Participei das festas religiosas de Notre Dame de Chartres, em Chartres; na Chapelle de la Médaille Miraculeuse em Paris; na Basilique Sainte Thérèse de Lisieux, em Lisieux, e na Abbaye du Mont Saint – Michel, em Saint Michel na França. Paralelo a essas atividades francesas, realizei, na Polônia, com a cooperação da Universidade de Varsóvia, trabalho de campo em dois centros de peregrinação católicos: o Santuário de Niepokalanów em Sochaczewa e o santuário da Virgem Negra de Jasna Góia em Czestochowa. Foi um tempo gratificante, no qual pude fazer o que gosto – Geografia e Religião – as emoções viviam lado a lado com o racional do pesquisador. Os sucessivos retornos à vida quotidiana após cada festa religiosa representavam momentos de reflexão e avanço científico.

Geo UERJ – Como você situaria a Geografia no momento atual? (importância do discurso, a prática do geógrafo, mercado de trabalho)

Zeny Rosendahl: Esta pergunta daria uma tese de doutorado. Mesmo assim, respondo que a geografia hoje tem condições de dar respostas a

sociedade em diferentes questões e escalas. O mercado de trabalho continua voltado para o ensino do 2º grau, responsabilidade importante do geógrafo na formação do cidadão.

Geo UERJ – Por fim, que conselhos daria aos acadêmicos que desejassem trabalhar na abordagem da geografia cultural?

Zeny Rosendahl: Antes de finalizar, gostaria de parabenizar a equipe da revista pela conversa agradável, em especial ao Prof. Glaucio Marafon. Respondendo agora à pergunta, gostaria de deixar a todos os estudantes de geografia o lembrete de que os estudos sistemáticos acabam sendo parte integrante de nossa vida; há que se estudar SEMPRE. O conhecimento em determinado momento é ao mesmo tempo o fim de um percurso e o início de outro, no qual estão lado a lado o teórico e o empírico. É preciso ter atenção para o fato de que os dois devem caminhar juntos. A geografia cultural especificamente há que se aprofundar na questão da cultura, resgatar a longa tradição da geografia cultural européia e norte-americana e estar atenta às mudanças que ocorrem na paisagem, atribuindo novos significados que cabem a nós torná-los inteligíveis. E, por fim, o melhor dos conselhos: ESTUDE! LEIA! ESTUDE! ESTUDE!

